



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ANA BÁBARA PEREIRA BARBOSA

O QUE É UMA MULHER NEGRA?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

ANA BÁBARA PEREIRA BARBOSA

O QUE É UMA MULHER NEGRA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas. Orientadora: Prof^ª Dra. Nina Caetano (Elvina M. Caetano Pereira).

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B238q Barbosa, Ana Barbara Pereira.
O que é uma mulher negra?. [manuscrito] / Ana Barbara Pereira
Barbosa. - 2019.
24 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Elvina M. Caetano Pereira.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Graduação em Artes Cênicas .

1. Negra brasileira. 2. Afetividade. 3. Racismo. 4. Performance (Arte).
I. Pereira, Elvina M. Caetano. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III.
Título.

CDU 141.74

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana De Oliveira - SIAPE: 1.937.800



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Bárbara Pereira

O que é uma mulher negra?

Artigo apresentado ao Curso de Artes Cênicas - Bacharelado em Interpretação Teatral da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Artes Cênicas

Aprovada em 15 de julho de 2018

Membros da banca

Dra. Elvina M. Caetano Pereira (Nina Caetano) - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Clóvis Domingos dos Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Me. Matheus Silva - (Universidade Federal de Ouro Preto)

A Profa. Dra. Elvina M. Caetano Pereira (Nina Caetano), orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 06/09/2022



Documento assinado eletronicamente por **Elvina Maria Caetano Pereira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/09/2022, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0394171** e o código CRC **B30B60BB**.

O QUE É UMA MULHER NEGRA?

Ana Bárbara Pereira Barbosa

Resumo

A minha investigação parte da reflexão sobre o que é ser uma mulher negra, por meio da construção autobiográfica de uma performance solo. A pesquisa tem eixo teórico e prático, de modo que as referências utilizadas na investigação não somente fundamentam a criação, mas também permitem olhar criticamente para ela. Além disso, foi realizada uma pesquisa de campo junto às mulheres negras de Anna Florência, bairro de Ponte Nova/MG onde nasci. Baseando-me no conceito benjaminiano de história, que privilegia o fragmento sobre a totalidade, penso as narrativas das mulheres negras do bairro, moradoras e trabalhadoras, como um microcosmo/reflexo de uma sociedade racista, alicerçada em um passado colonial-patriarcal-escravocrata.

Palavras-chave: Mulher negra; afetividade; racismo; performance; sujeito autobiográfico.

Abstract

My research starts out from the reflection on what it means to be a black woman, through the autobiographical construction of a solo performance. It has a theoretical and practical axis, so that the references used in the investigation not only substantiate the construction, but also allow a critical look at it. Moreover, a field research was carried out with black women from Anna Florência, the neighborhood of Ponte Nova/MG where I was born. Based on Benjamin's concept of history, which privileges the fragment over society as a whole, I reflect upon the narratives of black women in the neighborhood, residents and workers, as a microcosm/reflection of a racist society, grounded in a colonial-patriarchal-slave-owning past.

Keywords: Black woman; affectivity; racism; performance art; autobiographical.

Este artigo propõe uma reflexão sobre o processo de pesquisa e criação de *Preta: sobre Fifinas e Anas*, espetáculo solo resultante de meu Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Cênicas: Bacharelado em Interpretação Teatral, da Universidade Federal de Ouro Preto. Para empreender esta pesquisa, foi fundamental noções da linguagem da performance – pensada aqui em sua dimensão autobiográfica (BERNSTEIN, 2001) – como forma de trazer questões que são pessoais e, ao mesmo tempo, abrangem outras mulheres negras.

A pesquisa de campo foi baseada no conceito de história benjaminiano, que privilegia o fragmento sobre a totalidade, de modo que, a partir do deslocamento da narrativa, busco relatar/resgatar uma história que não é contada, que é silenciada, a história de mulheres negras de *Anna Florência*, bairro da cidade de Ponte Nova/MG onde nasci e cresci, e que ganha este nome como homenagem à matriarca Anna Florência, antiga proprietária do engenho local. Penso as narrativas das mulheres negras do bairro, moradoras e trabalhadoras, como um microcosmo/reflexo de uma sociedade racista, alicerçada em um passado colonial-patriarcal-escravocrata.

O processo de colonização das Américas utilizou, como um dos seus métodos de dominação, a valorização de uma cultura em detrimento de outras. Os europeus se auto elegeram como o modelo universal estético e de conhecimento, como é possível notar ao se observar as referências de beleza que são padrão nos editoriais de moda, bem como quem ocupa os papéis principais em produções audiovisuais ou apresentam os telejornais mais importantes dos canais de TV em nosso país. Ou observando quem ocupa as cátedras e cargos importantes nas principais universidades brasileiras, bem como quais são os conteúdos estudados, os pensadores citados e os escritores lidos e estudados. Quando não são brancos, são embranquecidos, como é o caso do escritor brasileiro Machado de Assis que, embora afrodescendente, sempre foi retratado como filho de português¹.

A partir do epistemicídio², criou-se uma narrativa histórica do Brasil que nega suas raízes indígenas e africanas – a não ser em uma dimensão folclórica, como um passado

¹ “A Caixa Econômica Federal suspendeu a veiculação de uma campanha publicitária sobre os 150 anos do banco que retrata o escritor Machado de Assis como um homem branco. A decisão veio após protestos na Internet e um pedido formal da Seppir (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), órgão do governo federal com status de ministério”. Disponível em <https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/caixa-tira-do-ar-anuncio-que-retrata-machado-de-assis-como-branco.html>, acesso em 07/07/2019, às 21h29.

²**Epistemicídio:** “Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento

distante – e nos impõe uma cultura eurocentrada. Tentaram roubar a nossa história e nos contar outra, que reforça estereótipos que nos desumanizam e na qual não temos nenhum protagonismo. Pois aqui, ao contrário, o que se pretende é, como resultado desta pesquisa, dar voz e corpo, ao entrelaçá-las com a minha, às histórias de outras mulheres, pretas como eu.

Pixaim, reencontro com as raízes

Durante muito tempo fui (e ainda sou) cercada de referências brancas que me negavam e me distanciavam das minhas raízes. A sensação que tenho é que, a partir do momento em que nasci, foi colocada uma venda em meus olhos que só me permitia ver o mundo em branco e, conseqüentemente, ver qualidades somente onde o branco estava presente. Falo aqui de um processo forçado de branqueamento – fruto de uma medida de valor social que ainda pensa a/o negra/o como oposição negativa de uma pretensa “pureza” e “bondade” brancas – que nos gera um auto ódio e a busca sempre frustrada de uma inalcançável branquitude, na expectativa de sermos tratados com mais igualdade e dignidade.

Em 2012, na minha cidade (Ponte Nova/MG), participei do processo de um espetáculo com a temática negra. Trabalhamos com o conto *Pixaim*, da atriz, escritora, dramaturga e poeta brasileira Cristiane Sobral. *Pixaim* conta a história de uma criança negra de dez anos que sofreu opressão por tentar manter suas raízes intactas, por tentar resistir a um processo de branqueamento. Ela tentou resistir aos alisamentos de seu cabelo, mas devido a discriminações e ataques, é obrigada a seguir um padrão estético durante anos. Quinze anos depois, ela se torna uma mulher empoderada, vencedora de batalhas interiores, que luta pelo direito de ser a mulher que é.

Pela primeira vez eu me vi e me senti representada. *Pixaim* tinha como protagonista uma pessoa negra, sendo uma história narrada por uma mulher negra e não pelo olhar e por uma perspectiva brancas. O conto não é narrado através do olhar do outro, pois Cristiane fala a partir da sua vivência como mulher negra.



Espectáculo Pixaim. Foto: Marcelo Nicolato (2013). Fonte: Arquivo pessoal.

Pelo fato de nossa história ter sido silenciada, muitas vezes não temos consciência de nossa própria identidade. *Pixaim* foi, para mim, o despertar de um olhar descolonizado: o primeiro passo no reencontro com minhas raízes. E assim, o *Pixaim* que antes era símbolo de opressão tornou-se símbolo de resistência.

O negro sempre foi para mim o desconhecido, a fantasia, o desejo. Cresci tentando ser algo que eu não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu, só meu. O meu cabelo era a carapaça das minhas ideias, o invólucro dos meus sonhos, a moldura dos meus pensamentos mais coloridos. Foi a partir do meu *pixaim* [que] percebi todo um conjunto de posturas que apontavam para a necessidade que a sociedade tinha de me enquadrar num padrão de beleza, de pensamento e opção de vida³.

Na pesquisa da qual este texto é fruto, busquei falar por mim mesma, por nós mesmas. No espetáculo resultante, busco narrar a nossa própria história, quebrar estereótipos e os lugares que nos foram preestabelecidos para, assim, ocupar aqueles que nos foram negados.

Desde o período escravagista, no Brasil, que as mulheres negras vêm sendo coisificadas, desumanizadas, sempre colocadas no lugar de servir. Seus corpos, explorados nas lavouras e na casa grande, violentados por senhores de engenho. A nós,

³SOBRAL, Cristiane. *Pixaim*. Disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com/2011/01/pixaim-conto-de-cristiane-sobral.html> Acesso: 20 de outubro de 2018.

tem sido atribuída uma identidade-objeto, desde o trabalho em situações precárias até a hipersexualização dos nossos corpos pela sociedade, ainda na atualidade. Por outro lado, ainda como resultado desse processo colonial de desumanização, a mulher negra tem sido vista como a forte, a guerreira, a batalhadora. Pensam-nos – talvez o resquício do animal de carga, da mula-mulata – como capazes de tudo aguentar sem fraquejar, como se em momentos algum nós fossemos frágeis, aliás, esse lugar de fragilidade nos é negado. A sociedade nos obriga a estarmos o tempo todo em estado de prontidão para a luta, caso contrário, não sobreviveremos.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou mulatas tipo exportação (RIBEIRO,2017,p.47).

No artigo *Enegrecendo o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*, Sueli Carneiro (2011) também traz essa reflexão: “de que mulheres estamos falando?” Percebemos aí uma necessidade de romper com um feminismo hegemônico e com uma universalização da categoria “mulher”.

Pensando em um sistema euro-cristão-patriarcal, em que o homem branco é colocado como o modelo universal de sujeito/humano, a teórica feminista Simone de Beauvoir fala do lugar da mulher (branca) como o “outro” do homem, uma vez que, de modo geral, a mulher não é pensada a partir de si, mas sempre comparada com o homem e definida a partir do olhar do homem sobre ela. Para explicar a categoria do outro, Beauvoir cita, como um dos exemplos, a chegada de uma pessoa em um país estrangeiro. Para quem chega num outro país, os habitantes são os outros e, para os nativos, quem chega é o outro também. Existe essa reciprocidade no olhar. Por outro lado, a mulher, no olhar do homem, é vista somente como o outro e não como sujeito. Ela é colocada num lugar de submissão, objeto, propriedade.

Aprofundando a análise de Beauvoir, a pensadora negra Grada Kilomba, ao criticar a hegemonia do pensamento feminista branco e o lugar de homogeneidade que

nele ocupa a categoria mulher, percebe a mulher negra – conforme demonstra a filósofa Djamila Ribeiro, em seu livro “O que é lugar de fala?” – como o “Outro do Outro”.

Kilomba sofisticada a análise sobre a categoria do Outro, quando afirma que mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supracista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade (RIBEIRO, 2017, pp.38-39).

De acordo com Kilomba, a mulher branca e o homem negro ocupam um status oscilante que ora permite que ambos se coloquem como sujeitos, sendo assim, a mulher negra seria o outro absoluto.

Nós representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. (...) Mulheres brancas têm um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro (KILOMBA, 2010, p.124).

A universalização da categoria mulher faz com que a mulher negra não seja pensada a partir de si, mas sempre invisibilizada, ao ser relegada ao lugar, ao ponto cego traduzido na ideia de “Outro do Outro”. O feminismo hegemônico, ao pensar suas pautas a partir dos problemas enfrentados pela mulher branca (ainda que trabalhadora), não abrange as especificidades das mulheres “de cor”: mulheres negras e indígenas. Em função disso, até um dado momento, o movimento feminista levava em consideração somente a questão de gênero, sem pensar também na opressão de caráter racial, tornando a relação entre as mulheres hierarquizada, ao preterir as discussões com recortes raciais. A trajetória da mulher negra é diferente da mulher branca, portanto, as necessidades das mulheres negras são peculiares. O feminismo negro tem, desse modo, o objetivo de trazer visibilidade às nossas pautas e reivindicar o nosso espaço como sujeito político.

Se a mulher branca é vista pelo homem branco como objeto e não como sujeito, a mulher negra como o outro do outro seria o objeto do objeto? Essa coisificação da mulher negra a coloca num lugar destituído de humanidade. Entende-se que coisas não têm direitos, nem sentimentos, que elas não cansam e não precisam de afeto. Assim, o racismo em suas diversas camadas faz com que as mulheres negras sejam sempre exploradas, tanto no trabalho quanto nas relações. Durante o espetáculo *Preta*, trago o

discurso da ativista Sojourner Truth como forma de demonstrar inquietação com a desvalorização da dimensão feminina da mulher negra.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar. E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um home – quando tinha o que comer – e também aqueci as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH apud RIBEIRO, 2017, pp.20-21).

A solidão da mulher negra e o afeto como potência de criação

Então ame, e que ninguém se meta no meio
O belo definiu o feio pra se beneficiar
Ame e que ninguém se meta no meio
Por que amar não é feio neguinho, o feio é não amar⁴.

O afeto tem cor? A quais corpos ele é direcionado? Alguns dizem que o afeto não tem cor e o ideal é que, de fato, não tivesse, mas dentro de uma sociedade construída numa estrutura racista, todo sentimento dado como bom é branco. Inclusive a inveja que não seria um sentimento virtuoso torna-se boa quando se utiliza a expressão “inveja branca” e o negro pode ter qualidades, desde que sua alma seja branca.

A mulher branca é o padrão de beleza, é a figura dela que majoritariamente aparece representada nas mídias como o modelo estético de perfeição. Já a mulher negra tem a sua aparência estigmatizada, seus fenótipos ridicularizados ou objetificados. Estereótipos como o da mulata gostosa e o de mãe preta colocam as mulheres negras num lugar de preterimento e solidão. Por um lado, a hipersexualização⁵, por outro, a dessexualização⁶. São tratadas como objetos feitos para o sexo, o cuidado e o trabalho, feitos para servir. De acordo com a pensadora e ativista feminista bell hooks (1981, p. 40),

⁴BIA FERREIRA. Não precisa ser Amélia.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eafn3B5KVII>>. Acesso: 22 de novembro de 2018.

⁵**Hipersexualização:** Ato de sexualizar um indivíduo ao extremo. HIPERSEXUALIZAÇÃO. Dicionário informal, 20 nov. 2018. Disponível em:

<<https://www.dicionarioinformal.com.br/hipersexualiza%C3%A7%C3%A3o/>> Acesso em 18 mar. 2019

⁶**Dessexualizar:** fazer (alguém) perder características fisiológicas próprias do seu sexo. DESSEXUALIZAÇÃO. Dicionário informal, 10 jul. 2015.

Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/dessexualizamos/>> Acesso em 18 mar. 2019

“a desvalorização da natureza feminina negra ocorreu como resultado da exploração sexual das mulheres negras durante a escravidão que não foi alterado no decurso de centenas de anos”. Ela também afirma:

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS, 1995, p. 469).

Atribui-se ao corpo da mulher negra a imagem do corpo permissivo, disponível, exótico, apimentado, com a “cor do pecado”, mas que, sendo pecaminoso, não serve para o matrimônio, apenas para ser amante.

Mulher negra não é humana, é a quente, a lasciva, a que só serve para o sexo e não se apresenta a família. Também é o grupo mais estuprado no Brasil, já que essas construções sobre seus corpos servem para justificar a violência que sofrem, “Qual o problema em passar a mão? Elas gostam” é a ideia reinante (RIBEIRO,2018,p.80).

O corpo da mulher branca também é visto como objeto/propriedade, porém a mulher negra sofre dupla opressão, sexista e racista. O que faz com que nossos corpos sejam hipersexualizados e desumanizados. Durante séculos, mulheres negras foram propriedades até mesmo de outras mulheres, como Josefina, por exemplo, que foi escrava de Anna Florência. Ao longo do texto, falarei mais sobre esta e outras mulheres, mas, no momento, vou lembrar que, enquanto feministas brancas lutavam pelo direito ao trabalho, as mulheres negras já eram exploradas e lutavam para serem vistas como pessoas, como mulheres. No livro *Tornar-se negro*, Neusa Santos Souza traz o relato de como uma das entrevistadas representa seu corpo. Ela diz: “Eu tinha vergonha do meu corpo. Eu queria transar no escuro...Eu não gostava do meu corpo, dentro de uma coisa negra. Corpo de negra, corpo de mulher tipo operário” (SOUZA,1983,p.63).

Esse corpo pensado para o trabalho e para servir sexualmente, também é visto como um corpo-máquina, o corpo da super guerreira. A super guerreira é forte, autossuficiente, portanto, entende-se que ela não precisa de ajuda, ela consegue fazer as coisas sozinha, consegue viver sozinha. Decidir viver sozinha é uma escolha, mas muitas vezes não temos opção.

No último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, dados sobre a mulher negra brasileira chamaram a atenção. O levantamento apontava que, à época, mais da metade delas – 52,52% – não vivia em união, independentemente do estado civil⁷.

A maneira pela qual o corpo da mulher negra foi representado ao longo do tempo, desde a escravidão, e o padrão hegemônico de beleza branco/europeu colocam as mulheres negras num lugar desprovido de afetividade, sendo elas preteridas também pelos homens negros.

Em relação às configurações das uniões conjugais no tocante à cor ou raça dos cônjuges, os dados do Censo Demográfico 2010 mostraram que 69,3% das pessoas de 10 anos ou mais estavam unidas a pessoas do mesmo grupo de cor ou raça, enquanto, em 2000, esse percentual era 70,9%. Esse comportamento foi mais forte dentre os grupos de brancos (74,5%), pardos (68,5%) e indígenas (65,0%). Já dentre os pretos (45,1%), observou-se que os homens tenderam a escolher mulheres pretas em menor percentual (39,9%) do que as mulheres pretas em relação a homens do mesmo grupo (50,3%)⁸.

Minha maior inquietação no início de meu processo de pesquisa era: “eu só posso falar de força? Não posso falar sobre fragilidade e afetividade em suas diversas esferas? Da minha cor e comida favorita?” Pensando nas mulheres negras do meu bairro, durante o processo, eu assimilei a minha avó (uma das mulheres negras entrevistadas) à Nossa Senhora, por ser a imagem da mãe suprema: Aquela que sempre cuida, consola, intercede pelo outro, mesmo que isso envolva seu sofrimento e sacrifício. A pergunta que surgiu foi: “Quem enxuga as lágrimas de Nossa Senhora?” Durante o espetáculo, canto uma música da compositora, cantora, instrumentista e artista visual Aryani Marciano, que nela afirma: “Quem a ama, a ama preta”. Aproveito para acrescentar: “quem ama a Ama preta? A Ama de leite é amada ou é só Ama?”.

Por um lado, a solidão, o preterimento; por outro, camadas de medo, de insegurança, que dificultam que nós possamos nos abrir para experiências afetivas. Engulo o choro, reprimo sentimentos e vou em frente. A desvalorização da subjetividade dos nossos corpos faz com que nossas relações sejam complexas no ambiente familiar e isso se amplia para outros tipos de relações. Tivemos nossos corpos explorados, nossos fenótipos discriminados, estereótipos pejorativos reforçando um lugar de submissão e

⁷BEATRIZ, Anna; ARRAES, Jarid. A solidão tem cor. Revista Forum, 2015. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/semanal/a-solidao-tem-cor/>> Acesso em: 03 de maio de 2019.

⁸Dados do Censo Demográfico de 2010, do IBGE, disponíveis no site: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14298-asi-censo-2010-unioes-consensuais-ja-representam-mais-de-1-3-dos-casamentos-e-sao-mais-frequentes-nas-classes-de-menor-rendimento>> Acesso em: 03 de maio de 2019

inferioridade. Fomos socializadas para ajudar e nunca sermos ajudadas, a nos erguermos sozinhas para dar conta de levantar o outro, tivemos filhos retirados de nossos braços e virando mercadorias, atualmente sendo vítimas do genocídio e do encarceramento em massa. A mulher negra sempre foi para o outro e nunca para si. Passamos por diversos traumas que, muitas vezes, nos fazem ter que reprimir sentimentos para darmos conta de seguir, de sobrevivermos.

Entendi que o amor, por mais que me tivesse sido negado de várias formas, era um direito. E que viria a partir do momento em que eu tivesse coragem de olhar para dentro de mim com sinceridade para retirar o mal que fora colocado ali com tanto silenciamento (RIBEIRO,2018,p.14).

Descolonizar os afetos para que possamos exercer nossa sensibilidade, para que possamos nos afirmar enquanto sujeitos, para não permitirmos que a opressão nos impeça de amar, para que o afeto não seja mais algo estranho/estrangeiro para nós. Quanto vale uma negra? Carne exposta no açougue, corpo desumanizado, animalizado, objetificado. Quanto vale o quilo da carne mais barata do mercado? Nem animal, nem objeto. Somos corpos resistentes, sensíveis e seguimos em luta pelos nossos direitos.

Sendo o meu corpo um campo de batalha⁹, faço dele matéria para as ações que realizo. Faço dele meio de lançar minhas questões, no campo de batalha que (também) é a arte.

A performance solo e o sujeito autobiográfico

A performance solo realizada por mulheres, segundo a pesquisadora Ana Bernstein (2001), possui um forte caráter autobiográfico, ao mesmo tempo pessoal e político (HANISCH, 1969). Ao investigar a performance solo produzida por mulheres, a autora conecta a dimensão privada à dimensão pública, percebendo o corpo da mulher como espaço de disputa política.

A partir do momento em que trago questões que tocam meu corpo de mulher negra, busco conectá-las a questões que perpassam outros corpos de mulheres negras que passam pelas mesmas problemáticas raciais que eu. Falo na primeira pessoa do singular e, ao mesmo tempo, minha fala busca eco nas vozes de outras tantas mulheres. Assim, penso que investigar uma performance solo, de cunho autobiográfico, possibilita realizar uma criação artística que possa, de fato, desempenhar “uma função crítica na criação de

⁹Referência ao famoso cartaz pró-aborto feito pela ativista estadunidense Barbara Kruger (1989).

um espaço discursivo para minorias que não se enquadram na normatividade do discurso ideológico dominante (BERNSTEIN, 2001: p.92).

Aos dez anos, eu estava brincando na rua quando minha mãe me gritou para entrar em casa. Chegando na cozinha ela disse: “vai lavar vasilha, Ana Bárbara! Você tem que aprender a fazer as coisas, se não como vai trabalhar na casa dos outros?”. Na hora eu pensei: “como minha mãe pode querer isso pra mim? O certo é que ela como mãe esperasse que eu fizesse uma faculdade ou algo parecido”. Anos depois, fui perceber que minha mãe tinha trabalhado a vida toda como empregada doméstica, assim como minha avó (que, inclusive, trabalhou para os herdeiros de Anna Florência, a família Martins). A minha mãe estava falando de um destino preestabelecido para nós, mulheres negras, pois, como afirma Preta Rara¹⁰, o Brasil “tem a maior população de empregados domésticos do mundo, uma estimativa [próxima] de 7 milhões de empregados que, segundo o DIEESE de 2013, 78,8% são mulheres pretas. E esse não pode ser o único lugar de trabalho para nós”.

A frase da minha mãe me causou certa raiva e revolta, tanto que afirmei para mim mesma que quando crescesse não iria trabalhar na casa dos outros. Na época eu não entendia o porquê dela falar daquele jeito, mas já sabia que não era assim que eu queria que fosse. Fazer teatro foi o primeiro passo para romper com esse destino. Comecei a fazer teatro aos quatorze anos, em grupo de Ponte Nova chamado “Viver com Arte” e, aos dezoito, comecei a cursar Artes Cênicas na Universidade Federal de Ouro Preto. Desse modo, rompi com um lugar predestinado: fui a primeira mulher negra da família a ingressar numa universidade pública. Ocupei um espaço que não foi pensado para nossos corpos, aproveitei o espaço para falar dessas mulheres, para tirar a história delas do anonimato, pois, se antes elas foram silenciadas, agora grito para que suas vozes ecoem a partir da minha corporeidade. Considero relevante trazer aqui um quadro com os quantitativos de estudantes matriculados na Universidade Federal de Ouro Preto, desde 2013, ano que ingressei na Universidade, para evidenciar o lugar que ocupo socialmente.

	Amarelo	Amarelo Total	Branco	Branco Total	Indígena	Indígena Total
--	---------	------------------	--------	-----------------	----------	-------------------

¹⁰Em “A senzala moderna continua sendo o quartinho da empregada”, disponível em: <<http://midianinja.org/pretarara/a-senzala-moderna-continua-sendo-o-quartinho-da-empregada/>>. Acesso em: 24 de abril de 2019.

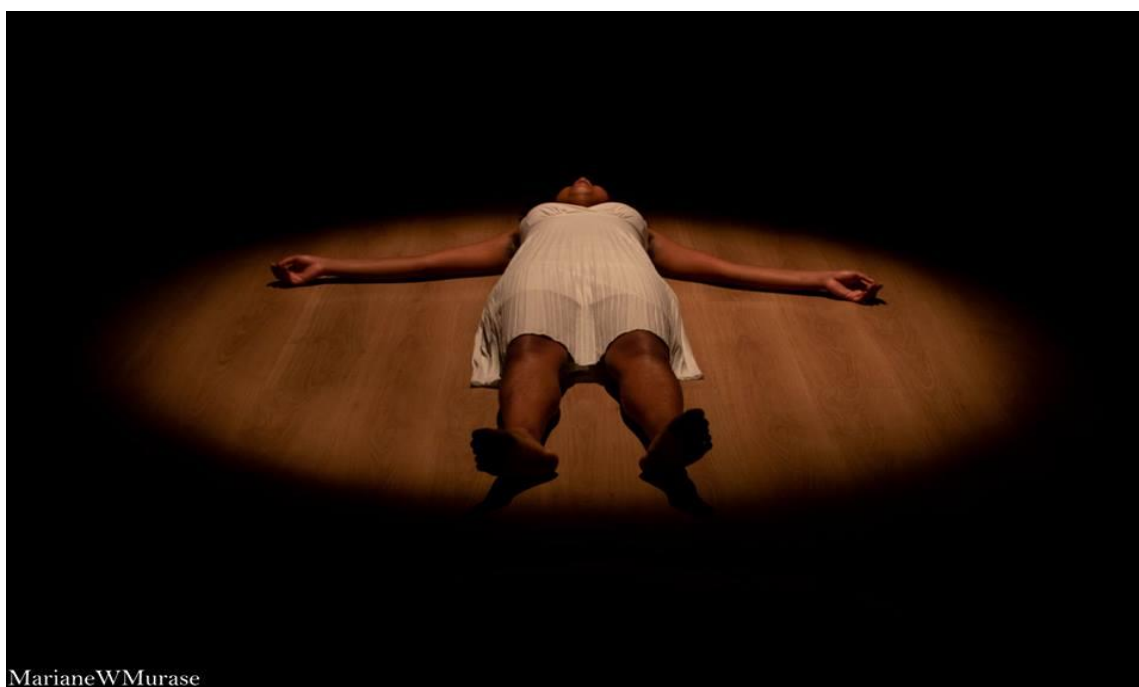
Ingresso:									
Ano/Semestre	Fem	Mas		Fem	Mas		Fem	Mas	
2013-1	14	11	25	277	309	586		2	2
2013-2	15	5	20	306	308	614	3	3	6
2014-1	7	4	11	295	297	592	1	1	2
2014-2	10	5	15	318	285	603	3		3
2015-1	11		17	283	290	573	1		1
2015-2	5	10	15	220	202	422	2		2
2016-1	6	11	17	253	296	549	1	2	3
2016-2	9	9	18	290	264	554	1	2	3
2017-1	8	4	12	252	261	513			
2017-2	9	4	13	273	290	563	2	3	5
2018-1	9	7	16	252	300	552	1	1	2
2018-2	13	8	21	267	310	577	1	1	2
2019-1	12	7	19	251	347	598			

Não Declarado		Não Declarado Total	Pardo		Pardo Total	Preto		Preto Total	Total geral
Fem	Mas		Fem	Mas		Fem	Mas		
9	13	22	245	242	487	56	63	119	1241
22	27	49	253	271	524	73	58	131	1344
23	20	43	240	251	491	51	52	103	1242
35	25	60	260	257	517	79	70	149	1347
37	40	77	207	259	466	68	62	130	1264
193	189	382	214	218	432	53	59	112	1365
45	45	90	234	252	486	68	62	130	1275
32	37	69	273	302	575	68	74	142	1361

35	30	65	253	273	526	59	66	125	1241
29	21	50	273	276	549	97	65	162	1342
32	40	72	216	289	505	73	58	131	1278
31	16	47	244	278	522	78	61	139	1308
20	19	39	205	260	465	69	88	157	1278

Temos na performance solo autobiográfica uma imbricação do sujeito e do objeto. Em que o corpo do artista deixa de ser apenas veículo para ação e se torna o objeto de arte em si, pelo uso do material autobiográfico. Trago com exemplo minha performance “Quanto vale uma negra?”, que surgiu como resultado do trabalho final apresentado para a disciplina Dramaturgia D, ministrada por Nina Caetano (professora do Departamento de Artes da UFOP e também orientadora do meu TCC). Tivemos como estímulo o projeto do artista Artur Barrio para a Documenta 11, cuja ideia-situação traz 29 diferentes espaços-gestos. Dentre os espaços que ele propõe, escolhi trabalhar com o espaço do fogo e com o espaço dos explorados. Durante a performance, eu me instalo em uma fogueira, nua, com os braços dependurados em uma corda e com a seguinte pergunta escrita no corpo: “Quanto o quilo?”

Neste sentido, também em *Preta: sobre Fifinas e Anas*, a partir do momento em que resolvo trabalhar com questões da mulher negra e do meu bairro, o meu corpo torna-se o próprio objeto de arte em si, pois trata de minha própria história.



MarianeWMurase

Espectáculo Solo *Preta: sobre Fifinas e Anas*. Direção: Dhu Rocha. Foto: Mariane W. Murase (2018).

Processo de montagem/Pesquisa de campo (PRETA)

- Do engenho a Usina

Com o falecimento do Major José Vieira de Souza Rabelo, a administração e organização da fazenda Oratórios, fundada por ele em 1758, ficou ao encargo de sua esposa Anna Florência Martins. No livro *Guardei na Memória*, a autora Maria Sylvia Salles Coelho descreve Anna Florência como uma mulher firme e enérgica, porém bondosa e caridosa ao extremo. Segundo ela, alguns escravos chegavam a pedir para serem comprados pela dona da fazenda, pois receberiam um bom tratamento por parte dela. Questiono a veracidade disso, uma vez que o livro, escrito por uma herdeira da família, trata da história de uma maneira floreada/romantizada. Pretendo aqui analisar dados da história do bairro a partir de um olhar negro e crítico.

O bairro onde nasci chama-se Anna Florência, como uma homenagem à dona do antigo engenho local. Em 1885, a família Martins inaugurou uma usina açucareira com o mesmo nome (Usina Anna Florência). O bairro foi construído com um formato de vila operária, com uma estrutura pensada em torno do bom funcionamento da Usina. As casas pertenciam aos donos da Usina e as ruas eram distribuídas como espécies de setores: os moradores de determinada rua exerciam funções específicas na Usina, enquanto outros, de outras ruas, exerciam outras. Também foram construídas casas maiores, que pertenciam a funcionários de cargos privilegiados. “Isso significava dizer que o controle da moradia era um passo a mais em direção ao controle eficiente da mão-de-obra”(TEIXEIRA,1990,p.74). Moradia e espaço de lazer estavam todos ao redor da fábrica, disciplinando os corpos em relação ao trabalho. Desse modo, como é possível perceber, o “projeto de integração do proletariado e de suas famílias (...), da domesticação literal, desdobra-se em múltiplas estratégias de disciplinarização: mecanismos de autoridade patronal e vigilância que atuam no interior da fábrica e fora dela” (RAGO, 1985,p.12).

Os proprietários da Usina cobravam o aluguel das moradias e este tinha o nome de “habitação”. Além disso, os funcionários tinham convênios ligados a estabelecimentos como a farmácia e o supermercado Hélio, que também pertenciam aos seus chefes, ou seja, o dinheiro retornava para as mesmas mãos. Dentro desse contexto, também houve a manipulação psicológica da classe trabalhadora, tanto que, até hoje, parte majoritária dos moradores do bairro acredita que a usina trouxe somente ajudas e benefícios, sem refletir sobre o fato de terem sido explorados/as.

- O bairro visto sob o conceito de história de Benjamin

Não temos muitos registros escritos da história do bairro Anna Florência, sendo assim, o meio que temos de adquirir mais conhecimento sobre ele é através da oralidade. Buscando manter a memória do bairro e principalmente conhecer o passado para questioná-lo, durante o meu Trabalho de Conclusão de Curso realizei entrevistas com mulheres negras, moradoras e trabalhadoras locais, pensando no bairro como um microcosmo/reflexo de uma sociedade alicerçada em um passado colonial-patriarcal-escravocrata. Baseando-me no conceito de história de Walter Benjamin, busquei falar do pequeno, do anônimo, dar voz aos “vencidos”, aos que foram silenciados, com o intuito de trazer visibilidade e protagonismo às mulheres negras. Ao invés de pensar a história do modo usual em que ela é pensada, ou seja, a partir dos grandes feitos, erigi a dramaturgia do espetáculo (re)escrevendo a história “a contrapelo”.

A natureza dessa tristeza se tomará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia, portanto, esses dominadores (BENJAMIN, 1940: p. 225).

A história que é contada no bairro é sempre da família Martins, sempre através de um viés branco, mas, em minha pesquisa, busquei deslocar a narrativa para trazer o protagonismo para Josefina (Fifina), a mãe preta que trabalhou para a senhora de engenho. Falar dela e de várias mulheres negras que trabalharam para essa família durante gerações, da escravidão e suas diferentes formas, da herança de corpos que se perpetuou durante tempos. Falar de minha avó, que trabalhou para herdeiros dos Martins por mais de vinte anos. Em *Preta: sobre Fifinas e Anas*, traço uma linha que vai de Fifina a Ana Bárbara, buscando romper com as ideias de servidão impostas a nossos corpos.

Ao longo do tempo, a escravidão permaneceu, porém em formatos diferentes, modificando somente o cenário. Conversando com mulheres negras do bairro, percebi uma herança de corpos, os mesmos corpos ocupando os mesmos lugares. Mulheres negras permanecendo na posição de empregadas, de domésticas. Fifina foi escrava de Anna Florência, minha avó empregada de seus herdeiros. Durante as entrevistas, ouvi o relato de uma das mulheres do bairro, em que ela narra a ocasião em que sua patroa falece e outra mulher da família Martins afirma que ela (a entrevistada) agora trabalharia para si. No entanto, ao contrário do que imaginava a herdeira, a entrevistada responde: “Minha irmã pagou minha aposentadoria e eu não vou precisar trabalhar mais”. Após relatar essa conversa, ela me disse: “Quando falei que minha irmã pagou minha

aposentadoria, ela saiu de lá pisando alto com raiva.” Toda essa raiva se deu, conforme ela narra, porque aquele corpo não iria passar de uma “dona” para outra, porque não mais seria herdado.

Quantas Josefinas ainda existem? Quantas ainda estão ativas? De acordo com Joyce Fernandes, mais conhecida como Preta Rara, “a senzala moderna é o quartinho da empregada”. No Brasil, empregadas domésticas ainda trabalham em situações análogas à escravidão, desde tratamentos desumanizados até salários precários. A PEC das domésticas (PEC 66/2012) foi uma grande conquista para a categoria, porém a fiscalização não é eficiente, o que abre espaço para que a lei não seja cumprida.

Parte majoritária do emprego doméstico é ocupada por mulheres negras. A falta de recursos, a maneira estereotipada com a qual a mídia nos representa e a manutenção de privilégios brancos tentam fazer com que o nosso destino seja o passado, é como se o caminho da mulher negra fosse a volta para senzala. A rapper, arte-educadora e ex-empregada doméstica Preta Rara menciona a profissão de doméstica como uma profissão hereditária, relatando que, assim como sua avó e sua mãe, ela também foi empregada doméstica. Eu e Preta Rara rompemos o ciclo familiar de trabalho doméstico. Espero que tantas outras mulheres negras possam ter possibilidade de novos caminhos, possam ter possibilidade de escolhas.

Durante o espetáculo, realizo uma ação em que uma escova de lavar roupas, inicialmente simbolizando uma bola de futebol, logo depois torna-se um símbolo de trabalho e opressão. A metáfora é precisa: a menina que se divertia jogando bola tem sua infância interrompida pelo trabalho. De acordo com a OIT – Organização Internacional do Trabalho – “em 2015, 88,7% das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os) entre 10 e 17 anos no Brasil eram meninas e 71% eram negras(os)¹¹”. Esses dados demonstram que o mercado de trabalho, no Brasil, ainda apresenta características escravagistas, pois corpos negros ainda são associados a cargos subalternizados. Uma pesquisa publicada pelo Instituto Ethos, em 2016, mostra dados do Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas. Esses dados afirmam a desigualdade e discriminação racial no mercado de trabalho.

Negros e negras somam apenas 4,7% no quadro executivo das empresas de maior destaque no cenário nacional. (...)Negras são apenas 1,6% da gerência e 0,4% do quadro executivo. Para se ter uma ideia desse recuo, a pesquisa

¹¹OIT. Trabalho Doméstico. Disponível em: <<https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-domestico/lang-pt/index.htm>> Acesso em: 03 maio de 2019.

encontrou apenas duas mulheres negras (pretas e pardas) entre os 548 executivos analisados¹².

É necessário romper com a definição inferiorizante que o branco instituiu sobre os negros, dissociar os negros de imagens que são de interesse dos brancos, como a de pobreza financeira e intelectual, que perpetuam a desigualdade racial desde o período escravagista. A concepção tradicional de intelectual está ligada ao homem branco e atribui o trabalho braçal a corpos negros. O racismo institucional¹³ faz com que o negro tenha que provar o tempo todo a sua capacidade para ocupar/permanecer em determinados espaços. Um exemplo da subalternização do trabalho de pessoas negras é a expressão “serviço de preto”, que é definido como relaxado, mal feito, sem qualidade. O conhecimento negro é questionado, somos colocadas à prova e testados continuamente.

Neusa Santos Souza relata, em seu livro *Tornar-se Negro*, já citado aqui, a história da ascensão social de Luísa, mulher negra, neta de empregadas domésticas. Luísa encontrou nos estudos uma forma de adquirir visibilidade e aceitação. Sendo mulher e negra, ela concluiu que teria que ser sempre a melhor, ser destaque para ter reconhecimento, porque não bastava ser boa: nunca é o bastante, numa sociedade que nos exige excepcionalidade. A cobrança externa era muita, mas não maior que a sua autocobrança.

- Eu tinha que ser a melhor, eu me exigia muito... Sempre fui a primeira aluna, no primário e no ginásio. [Na quarta série ginásial] teve o Festival de Música e fui a melhor intérprete. E no final de ano fui escolhida como a melhor aluna da turma. Depois resolvi fazer Medicina... Eu tinha que escolher a carreira mais nobre, o vestibular mais difícil (SOUZA, 1983,p.65).

Luísa conta sobre um momento de crise em que ela tomava remédios e vivia dormindo, o que fez com ela não pudesse estudar direito e perdesse o vestibular. Ela relata essa perda como a primeira grande derrota da sua vida: “Se, por um lado, tinha a justificativa: “Ah, coitada, ela saiu de uma crise”, por outro, eu sentia que perdi o respaldo. Se eu era inteligente tinha que passar no vestibular” (SOUZA,1983,p.51). É

¹²ETHOS. Há discriminação racial no mercado de trabalho. Disponível em: <<https://www.ethos.org.br/cedoc/ha-discriminacao-racial-no-mercado-de-trabalho/#.XRGj89xhldj>> Acesso em: 03 de maio de 2019

¹³**Racismo institucional:** É basicamente o tratamento diferenciado entre raças no interior de organizações, empresas, grupos, associações e instituições congêneres (...) É você optar por um em prejuízo do outro, ou mesmo preferir, ou até, de forma indireta, ofertar tratamentos diferenciados, de modo a privilegiar um em detrimento do outro, sem qualquer respaldo legal. GELEDÉS. Racismo institucional. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/racismo-institucional-o-ato-silencioso-que-distingue-as-racas/>> Acesso em: 25 de maio de 2019

possível imaginar o reflexo disso na saúde mental da mulher negra. Durante a montagem do Trabalho de Conclusão de Curso, eu acabei reproduzindo a atitude da Luísa e me cobrava muito. Mesmo tendo consciência de que eu não tenho a obrigação de ser o tempo todo forte, me colocaram tanto nesse lugar, que eu estava ali, sendo guerreira, forte e buscando ser excepcional.

Um grande passo para nossa luta é nos reconhecermos como humanas, como sujeito. Lutar contra o machismo e o racismo é uma forma de romper com a ideia de desumanização construída sobre nossos corpos, de romper com uma identidade-objeto e restituir nossa subjetividade, entender o quanto somos fortes e que também podemos ser frágeis. Lutar para não cair, servir de apoio uma pra outra e, caso a queda venha, permitir o choro, mas sabendo que a queda pode servir de impulso para um pulo mais alto, em que não temos limites.

REFERÊNCIAS

BEATRIZ, Anna; ARRAES, Jarid. **A solidão tem cor**. Revista Fórum, 2015. Disponível em: < <https://www.revistaforum.com.br/semanal/a-solidao-tem-cor/> > Acesso em: 03 de maio de 2019.

BENJAMIN, WALTER. **Sobre o Conceito de História**. IN: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERNSTEIN, Ana. **A performance solo e o sujeito autobiográfico**. IN: Revista Sala Preta, nº 1, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2001.

FERNANDES, Joyce (Preta Rara). **A senzala moderna continua sendo o quartinho da empregada**. Disponível em: <<http://midianinja.org/pretarara/a-senzala-moderna-continua-sendo-o-quartinho-da-empregada/>>. Acesso em: 24 de abril de 2019.

FERREIRA, Bia. **Não precisa ser Amélia**.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eafn3B5KVII>> Acesso: 22 de novembro de 2018

GELEDÉS. **Racismo institucional**.

Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/racismo-institucional-o-ato-silencioso-que-distingue-as-racas/>> Acesso em: 25 de maio de 2019

HOOKS, bell. **Ain' t I a Woman**. United States: South End Press, 1981.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1980-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOBRAL, Cristiane. **Pixaim**.

Disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com/2011/01/pixaim-conto-de-cristiane-sobral.html> Acesso: 20 de outubro de 2018.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983 Coleção Tendências; v.4

SYLVIA, Maria S.C. **Guardei na Memória**. Rio de Janeiro (RJ): Alphasit Gráfica e Editora Ltda, 1984.

TEIXEIRA, Palmira Petratti. **A fábrica do sonho: trajetória do industrial Jorge Street** - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Dados do Censo Demográfico de 2010, do IBGE, disponíveis no site: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14298-asi-censo-2010-unioes-consensuais-ja-representam-mais-de-1-3-dos-casamentos-e-sao-mais-frequentes-nas-classes-de-menor-rendimento>> Acesso em: 03 de maio de 2019

OIT. Trabalho Doméstico. Disponível em: <<https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-domestico/lang--pt/index.htm>> Acesso em: 03 maio de 2019.

ETHOS. **Há discriminação racial no mercado de trabalho.** Disponível em: <<https://www.ethos.org.br/cedoc/ha-discriminacao-racial-no-mercado-de-trabalho/#.XRGj89xhldj>> Acesso em: 03 de maio de 2019

HIPERSEXUALIZAÇÃO. Dicionário informal, 20 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/hipersexualiza%C3%A7%C3%A3o/>> Acesso em 18 mar. 2019

DESSEXUALIZAÇÃO. Dicionário informal, 10 jul. 2015. Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/dessexualizamos/>> Acesso em 18 mar. 2019